

POD CAST JHSP

1ª TEMPORADA
LITERATURA JAPONESA



JAPAN HOUSE
SÃO PAULO

PODCAST JAPAN HOUSE SÃO PAULO

TEMPORADA 1

EPISÓDIO 1: O ASSASSINATO DO COMENDADOR, DE HARUKI MURAKAMI

<<<< Música tema ao fundo >>>>

Natasha B. Geenen: Bem-vindos ao primeiro episódio do podcast da Japan House São Paulo. Eu sou a Natasha Barzaghi Geenen, diretora cultural, e quero te convidar pra vir comigo nessa viagem pela cultura japonesa. Aqui a gente vai falar de arquitetura, artes plásticas, gastronomia e moda – mas tudo organizado, uma coisa de cada vez!

Nessa primeira temporada do podcast da Japan House SP, o foco é a literatura. E por isso tenho aqui comigo um convidado especial que vai estar ao meu lado nos próximos episódios: o editor da revista Quatro Cinco Um, o Paulo Werneck.

Paulo Werneck: É, eu não tinha como recusar esse convite, né, Natasha? Principalmente depois do nosso Clube de Leitura, na Japan House SP. Todo mês, a gente recebe, lá na Japan House São Paulo, um grande leitor ou uma grande leitora, que são convidados a conversar com o público sobre uma grande obra da literatura japonesa, principalmente dos séculos XX e XXI.

Ficou tão legal que a gente resolveu ampliar a conversa nesta primeira temporada do podcast. Em cada episódio, a gente vai se debruçar sobre uma das obras do nosso Clube de Leitura, convidando muitos outros grandes leitores a falar sobre livros incríveis a serem relidos ou descobertos pela primeira vez.

Natasha B. Geenen: E para isso, é claro que a gente não ficou em uma conversa só nós dois. A gente conversou com editores, tradutores, leitores...

<<<< Fim da música tema >>>>

Paulo Werneck: E também com professores de espada samurai, atendentes de loja de conveniência e tratadores de urso...

Natasha B. Geenen: [risadas] Para de spoiler, Paulo! Vamos logo começar o episódio de hoje?

Paulo Werneck: Vamos nessa! A gente começa em grande estilo, com a obra de um autor que mobiliza multidões: *O assassinato do comendador*, do Haruki Murakami.

Natasha B. Geenen: Mulheres misteriosas, ligações inesperadas, gatos, passagens secretas, mundos paralelos, sensação de estar sendo seguido, conversas com gatos, sexo estranho, corrida, gosto por cozinhar, estações de trem, *flashbacks* históricos, gatos sumindo, jazz...

Paulo Werneck: Esses elementos soam familiares? Tem uma brincadeira, entre os leitores de Murakami, sobre algumas obsessões que ele gosta de cultivar.

Rita Kohl: Tem essa piada que todo faz do bingo do Murakami, não sei se vocês já viram. Tem um bingo de coisas que aparece em todos os livros do Murakami. Gato, a mulher que desaparece...

Paulo Werneck: Essa é a Rita Kohl, que já traduziu três livros do Murakami e está para entregar o quarto para a editora — os leitores estão ficando impacientes pelo segundo volume de *O assassinato do comendador*, que é o livro sobre o qual a gente vai falar já, já.

Rita Kohl: Esse livro, ele me parece meio um... os melhores *hits* do Murakami.

<<<< Barulho de bolinhas no bingo >>>>

Natasha B. Geenen: Alguns elementos aparecem em tantas obras do Murakami que o cartunista americano Grant Snyder resolveu fazer um bingo com 24 itens pra você ir “ticando” enquanto lê um livro dele.

A gente fez esse exercício com *O Assassinato do Comendador* e vários desses itens estavam lá: mulheres misteriosas, poço seco, sensação de estar sendo seguido, telefonemas inesperados, gatos, jazz, tédio urbano, poderes sobrenaturais, correndo desesperadamente, passagem secreta, flashbacks históricos longuíssimos, adolescente precoce, cozinhar bastante, sexo esquisito, nome incomum... eu ouvi “bingo”?

<<<< Pessoa grita: “Bingo!” >>>>

Paulo Werneck: Bingo!

No ano passado, 2018, a Alfaguara publicou o primeiro volume de *O Assassinato do Comendador*, e o segundo está previsto para sair no começo de 2020.

Natasha B. Geenen: Mas antes de focar no livro, vamos falar um pouquinho sobre quem é Haruki Murakami, Paulo.

O Murakami tem 70 anos, nasceu em Quioto, escreveu 22 livros e já foi traduzido para mais de 50 línguas. Entre as suas obras mais famosas estão *Norwegian Wood*, *Kafka à Beira-Mar* e a trilogia *1Q84*.

<<<< Música tema de fundo >>>>

Paulo Werneck: De um lado, o mais popular dos autores japoneses contemporâneos. Por outro lado, ele é chamado de “peso-leve dos talentos pop” pelo Nobel de Literatura Kenzaburo Oe; e até mesmo de “fraude” pelo crítico Shigehiko Hasumi.

Natasha B. Geenen: É, a literatura do Murakami é um assunto meio complexo no Japão. Eu li uma entrevista que ele deu para *New Yorker*, na época do lançamento de *O Assassinato do Comendador* nos Estados Unidos, e ele disse que era visto como um “outsider”, uma “ovelha negra”, um “intruso” na literatura japonesa tradicional.

<<<< Fim da música tema ao fundo >>>>

Tem uma passagem engraçada na entrevista em que ele fala que os japoneses odiaram *Norwegian Wood* - talvez o livro dele mais conhecido. E a repórter Deborah Treisman, que estava entrevistando o Murakami, fala: “Mas o livro vendeu mais de dois milhões de cópias!”. E ele responde: “Vendeu mais de dois milhões de cópias, mas as pessoas me odiavam!”.

Paulo Werneck: A gente perguntou pra Rita Kohl, tradutora, que morou alguns anos no Japão, se o Murakami é mesmo um incompreendido.

Rita Kohl: Porque... é engraçado que, no Japão, acham que ele é americanizado e que ele não é japonês; e, fora, fica uma coisa tipo: “Ah, literatura japonesa, esse cara aqui falando do Japão”. Ao mesmo tempo, no Japão, criticam ele por ele ser culturalmente inodoro - o que eu acho muito engraçado, porque, para você ser marcadamente japonês, tem que estar de quimono... No Japão comem espaguete também. Então, quando ele fala que ele vai fazer espaguete, não é que: “Ah, então ele não é japonês, né?” (...). O que acontece também, no Japão, é que tem uma divisão muito grande entre o que eles chamam de literatura pura e literatura popular ou literatura de entretenimento. E eu acho que o Murakami não se encaixa muito em nenhum desses. Geralmente, para você fazer sucesso lá como escritor, você ganha um prêmio. E esse prêmio vai te definir como tem o prêmio de literatura pura ou um outro. E ele ganhou muito poucos prêmios para um escritor tão famoso no Japão. Então, acho que ele tem um pouco essa dificuldade de categorizar, assim...

Natasha B. Geenen: É mais subversivo, né? De alguma forma.

<<<< Música tema ao fundo >>>>

Paulo Werneck: Bom, pra nós, daqui do podcast da Japan House SP, ele é indiscutivelmente um grande autor da literatura pura. Inclusive, ele esteve em discussão no nosso clube de leitura com a Leila Perrone Moisés, que é uma das maiores críticas literárias do país - o que mostra um status crítico, pelo menos no Brasil, de primeira linha, né?

Natasha B. Geenen: Sem dúvida, Paulo! Agora, como não podia deixar de ser, a Rita falou com a gente também sobre a experiência de traduzir Murakami.

Rita Kohl: Eu não acho muito difícil traduzir o Murakami, assim. Ele bate com o japonês que eu estou acostumada e eu acho que a tradução é próxima do português que estou acostumada. Então, não é uma obra que eu ache que coloque muitos desafios.

Paulo Werneck: E uma coisa muito interessante sobre a Rita Kohl é que ela decidiu estudar japonês justamente por ser fã de Murakami.

Paulo Werneck: Bom, é uma fã que virou tradutora do autor preferido.

Rita Kohl: Quando falaram comigo a primeira vez, para eu traduzir essas novelas do Murakami, eu fiquei muito emocionada pela Rita de 20 anos [...]

Natasha B. Geenen: Hoje, a Rita é tradutora de vários autores japoneses! A gente até conversou com ela sobre outro livro do Clube de Leitura: o romance *Querida Konbini*, da Sayaka Murata, sobre o qual a gente vai falar aqui no podcast mais para frente. E a Rita falou sobre a diferença nos estilos de cada um.

Paulo Werneck: Você acha que ele é desse estilo internacional: escritos para viajar bem, vamos dizer assim.

<<<< Fim música tema de fundo >>>>

Rita Kohl: Se fala muito isso, né, do Murakami. Eu não acho, no caso dele, que seja uma coisa consciente; porque, se fosse, eu acho que ele evitaria esse tipo de coisa, porque, às vezes, ele se apoia na língua de uma maneira que que dificulta. (...) É engraçado porque eu acabei comprando isso... e tem umas horas que aparece um negócio difícil e eu fico: "Pô Murakami, você não está pensando nos seus

tradutores? O que você quer que eu faça com isso aqui?". Uma vez que ele fala sobre os ideogramas, ou tem uns jogos de palavras, umas coisas assim...

E acho que, de temas, não me parece que ele esteja evitando coisas que são mais próximas da cultura japonesa - inclusive, nesse livro tem: ele fala do Ueda Akinari, tem coisas da cultura mais antiga japonesa que aparecem aí...

Paulo Werneck: É quase uma caricatura da tradição nesse caso, né?

Rita Kohl: É uma mistura ali de tudo, né?

Natasha B. Geenen: Bom, retomando e sem spoilers, um pouquinho do livro pra quem não leu ou pra refrescar a memória: um casal se separa. O marido, um pintor de renome, sai em viagem pelo Japão...

<<<< Barulho de bolinhas de bingo ao fundo >>>>

...vai morar na casa de montanha de um pintor famoso, o Tomohiko Amada. Aí começa a ouvir uns barulhos esquisitos e acaba encontrando um quadro inédito deste pintor, chamado: *O assassinato do comendador*. Em um primeiro momento, o personagem entende que Tomohiko se baseou na ópera *Don Giovanni*, de Mozart, que tem o *commentatore*...

<<<< Fim do barulho de bolinhas de bingo ao fundo >>>>

<<<< Ópera começa a tocar ao fundo >>>>

... e um cenário similar. Porém, analisando a pintura no estilo *nihonga*, nosso herói começa uma grande jornada de interpretação, que envolve o nazismo e os traços curiosos dessa arte antiga do Japão.

<<<< Fim ópera ao fundo >>>>

<<<< Música tema ao fundo >>>>

Paulo Werneck: Por isso mesmo, a gente conversou com uma outra antiga conhecida do nosso Clube de Leitura: a professora Madalena Cordaro, que é especialista em literatura e arte japonesa.

<<<< Fim música tema ao fundo >>>>

Madalena Cordaro: A pintura *Nihonga*, como o nome diz: "*ga*" é pintura; "*nihon*" é Japão, portanto "pintura japonesa". Então, *Nihonga* só surge em oposição a *Yōga* - isso o Murakami fala no livro dele. "*Yo*" quer dizer Ocidente; e "*ga*" é pintura - "pintura ocidental", portanto. Significa que o Japão já estava aberto ao Ocidente no período de 1868 e as influências ou os modelos ocidentais entraram como uma avalanche. E o *Nihonga* se torna o estilo nacional.

O Murakami chama atenção para temas mais comuns de *Nihonga* que seriam: primeiro, a representação de belas mulheres, que é *Bijin-ga*; e, mesmo a natureza, quando é representada, ela tem uma minudência, um detalhamento até surreal. Uma outra coisa, outra característica que o próprio Murakami fala do *Nihonga*, é que tem um predomínio da linha sobre a cor. Quando a gente fala em pintura, a gente pensa mais em manchas de cor e coisas assim, né? Menos na linha. No *Nihonga*, é justamente o contrário: a linha é muito pura.

Me parece que o Murakami começa com a questão formal, mas, depois, quer colocar uma questão política de fundo. Então, Viena, *Yōga* mais nazismo. E o *Nihonga* é o Japão, meio apático e apolítico.

Tem uma retórica da pintura, ou seja, da visualidade, que eu estudo bastante que é chamada de "*Mitate*". O "*Mitate*", às vezes, é traduzido como "metáfora", "paródia", como "substituição", "alusão". Neste sentido, o que seria esse quadro que é feito? Ele seria um "*Mitate*" da situação do complô lá em Viena. Ele tenta interpretar aqueles personagens que parecem que do *Don Giovanni*, do Mozart; no entanto, a um outro nível, a chegar na interpretação do complô do comendador, que seria o agente nazista. Esse seria o processo de "*Mitate*": uma substituição, dizer uma coisa por outra. E esse procedimento é bastante utilizado em toda pintura japonesa, e mesmo na poesia. É uma retórica bastante indireta e eu acho que é isso que torna tão fantástica essa ida e volta desse quadro.

Natasha B. Geenen: Outro ponto bem importante do quadro misterioso é a luta com espadas, representada de forma bem violenta. De um jovem matando um senhor, o próprio comendador. E dele, que padece com uma expressão de profundo sofrimento, jorra um sangue bem vermelho e nítido. Já do jovem, a feição de um surpreendente vencedor.

Paulo Werneck: E foi por isso que a nossa produtora, Natália André, foi acompanhar um treino da arte marcial de luta com espadas para entender melhor o que foram os samurais na cultura tradicional japonesa, que são um elemento-chave para entender esse livro do Murakami. Ela foi até o Instituto Miten, aqui em São Paulo, e conversou com o professor Edmilson Silva.

Edmilson Silva: Empunhou a espada e guardou, até o último minuto, né, tendo um respeito pela espada. Antigamente ela tirava a vida, né? (...) Tinha os mestres ferreiros, né? Eles faziam as espadas que os samurais encomendavam. Tinham os mestres famosos que faziam obras de arte, não era só... Eles estavam moldando não era só um pedaço de um metal, estavam moldando um espírito de uma pessoa (...). Pro japonês, a espada é como o espírito, né? Pro samurai era aquilo que, além de defender a sua vida, ela ia te lapidar, lapidava o espírito do samurai.

O samurai era uma classe. Então, na pirâmide, eles seriam os guerreiros - o primeiro número nas pirâmides sociais japonesas antigas - e aí vinham os agricultores, os comerciantes etc. Quem podia portar a espada, só podia ser os samurais. O jovem ou a jovem, a partir dos 13 anos, já era considerado adulto na época do samurai. E aí não tem limite de idade, até...

<<<< Música tema ao fundo >>>>

Natasha B. Geenen: E o professor Edmilson Silva também explicou a simbologia tratada no livro da diferença de idade na luta.

Edmilson Silva: Pros japoneses, pro Kenjutsu, para espada, para quem treina, não é que nem outras modalidades esportivas, que você está com 30 anos e você já está se aposentando. É um caminho, né? Então, na espada, quanto mais experiente... mais difícil de lutar. É mais difícil, não é velocidade... é quanto mais velho você fica - é que nem vinho, né? Melhor fica a sua técnica. Mais facilidade que você acerta essa técnica.

Paulo Werneck: Demais, então acho que eu vou me inscrever! Minha técnica está ficando afiada, já que a idade está avançando! Vamos nessa, Natasha?

<<<< Fim música tema ao fundo >>>>

Natasha B. Geenen: [Risada] Eu não tenho a mesma idade que você, né, Paulo? Mas voltando aqui ao livro, como eu estava dizendo, o quadro do comendador puxa o nosso personagem pra dentro de um universo paralelo – o que, de novo, não é novidade nas obras do Murakami.

Depois do quadro, aparece o guizo e também uma espécie de “comendadorzinho”... A gente conversou sobre esses elementos meio bizarros, que sempre estão presentes na escrita dele, com a psicanalista gaúcha Alice Sippert, leitora e estudiosa de Murakami.

Alice Sippert: Ler Murakami é muito parecido com a experiência de escutar um paciente no consultório. De repente, o personagem dele está lá, acontece alguma coisa fora do padrão, ou alguma coisa completamente banal e corriqueira, do tipo: "O gato fugiu. Temos que ir atrás do gato...". No *1Q84*: "O trânsito está difícil, vamos cortar caminho por aqui, que eu tenho tal compromisso...". De repente, ele abre a porta e se dá conta de que tem duas luas no céu.

Paulo Werneck: Como não podia deixar de ser, a Alice enxerga várias relações entre a psicanálise, que é o campo de trabalho dela, e o realismo mágico, que é essa técnica de narrar coisas mágicas, implausíveis, como se fossem uma realidade “normal”, entre aspas. É um tipo de literatura que se consagrou na América Latina, não exatamente no Japão.

Alice Sippert: A presença do realismo mágico é uma constante nas obras dele, mas os elementos não são o foco na narrativa. Acho que é no *Kafka à Beira-Mar*, que chove sardinhas; e o sujeito não chega ao ponto de se perguntar o que é que está acontecendo naquela realidade, né?

Tem muitos eventos da vida da gente que são fantásticos. Muitas aleatoriedades, assim, que acontecem na vida de qualquer pessoa, que a gente acaba suturando no próprio discurso da nossa vida. E essa operação fica muito clara dentro do Murakami. A gente tem uma tendência a transformar aquilo que pode nos impactar, no nível do estranhamento, em algo corriqueiro e normal. O que pode gerar às vezes consequências catastróficas... Por exemplo: se for pegar todas as narrativas pré-nazismo, por exemplo, tudo aquilo que estava acontecendo era um absurdo; mas, ao mesmo tempo, acabava sendo suturado de alguma forma dentro do discurso. É um mecanismo muito interessante.

Natasha B. Geenen: O onírico, o sonho ao que a Alice estava se referindo, tem muito a ver com esse universo mágico – mas também com a escrita.

Alice Sippert: Eu me sinto às vezes, quando eu leio, que eu estou escutando um sonho de um paciente. Por exemplo: tu sonhando, tu pode sonhar que tu é uma pessoa, mas vai continuar sendo você. Como para qualquer sujeito é impossível falar sobre a própria verdade, a gente coloca nossa verdade na boca de outros sujeitos que a gente cria, de outros “eus” que a gente cria, serve pra isso em última instância.

Natasha B. Geenen: Até para, de alguma maneira, viver outras histórias que você não consegue viver nesse plano ou na vida real, quando você faz uma história dessas, ou você cria um personagem... Eu fiquei muito pensando muito nessa história da morte do comendador, se o personagem principal não seria o próprio Murakami, com alguns dos elementos que a gente sabe da vida dele, e que daí de repente aparecem nesse livro como eventualmente sendo a história dele. Então, acho que quando você é um autor e cria um personagem, cria uma história, também não deixa de ser um momento em que você vive essa outra história, né? Na primeira pessoa.

Alice Sippert: Sim!

Paulo Werneck: Quando saiu o primeiro volume aqui no Brasil, o Murakami deu uma entrevista pros agentes literários dele, que foi publicada no blog da Companhia das Letras. Ele disse que essa história de acessar o subconsciente é uma coisa que acontece espontaneamente nas tramas dele. E disse também que só “vai acompanhando a narrativa e ela acaba tomando naturalmente esse rumo”.

Natasha B. Geenen: E, por falar na Companhia, a gente conversou também com a editora do Murakami no Brasil desde 2012, a Luara França. E, como a Rita Kohl, ela já tinha uma relação especial com o Murakami antes de trabalhar diretamente no texto dele.

Paulo Werneck: A Luara tem uma relação íntima com o Murakami porque ela é editora dos livros dele aqui no Brasil. Desde 2012, cuida dos livros que a gente acaba lendo em português... E como é que foi a sua aproximação com a obra do Murakami?

Luara França: Foi como leitora primeiro. Eu sou leitora de ficção científica também, então eu gosto muito desse universo... estranho. E foi legal ver um universo estranho trabalhado na ficção literária. Depois, quando eu comecei a trabalhar na Alfaguara, como editora assistente, acho que o primeiro livro em que eu trabalhei acho que foi *1Q84*, que foi um *boom* pro Murakami aqui no Brasil, né? O que é super curioso porque são três volumes, é um livro super difícil, no sentido de construção de mundo, e é a porta de entrada para muita gente. Então foi a porta de entrada para meu processo editorial também.

<<<< Piano tocando ao fundo >>>>

Paulo Werneck: A Luara, que é leitora de ficção científica mais *hardcore*, vê uma relação interessante entre as expectativas dos leitores de literatura realista e dos leitores de fantasia ao se depararem com o Murakami.

Paulo Werneck: Você acha que o Murakami frustra esse leitor mais tradicional que quer uma história com começo, meio e fim? Quer não ficar em dúvida sobre o que aconteceu?

Luara França: Acho que sim. E eu acho que ele também frustra, de alguma forma, o leitor acostumado com uma fantasia mais tradicional. Que vai ter uma construção de mundo, que você vai entender tudo que está acontecendo - ele não faz isso. Ele te joga no mundo, ele explica o que faz sentido pra ele explicar, ele não explica o que não faz sentido pra ele explicar. Então, eu acho que ele frustra sim alguns leitores, mas ao mesmo tempo você pode fechar o livro frustrado de "não entendi tal parte", mas você fica "eu amei esse livro". "Eu posso não ter entendido, mas eu amei essa coisa que eu acabei de ler e que eu não entendi direito!".

<<<< Fim do piano ao fundo >>>>

Natasha B. Geenen: Bom, e o Murakami é um sucesso. Desses poucos autores que conseguem mobilizar legiões de fãs, coisa de *Harry Potter*... Paulo, você sabia que, na Holanda, o pessoal organiza cruzeiros de lançamento dos livros do Murakami, lotados, com até 2 mil pessoas?

Paulo Werneck: Está aí uma boa ideia para o próximo Clube de Leitura da Japan House, hein? A Luara falou um pouquinho com a gente sobre os fãs brasileiros.

Paulo Werneck: E como é a relação com os leitores? Porque o Murakami está naquela categoria de autores que tem fãs de verdade né, meio *rockstar*...

Luara França: Da literatura.

Paulo Werneck: Eles devem cobrar a publicação de traduções, né? Eles devem comentar erros que eles encontram eventualmente nos livros... Como é a relação com os fãs?

Luara França: É muito divertido, porque, para um selo literário, você ter fãs é muito único. Poucos autores de um selo literário tem efetivamente fãs, como o Murakami tem. Então, a gente tem muita cobrança. Eles pedem muito pelos livros clássicos do Murakami, que a gente ainda não conseguiu fazer - mas, a gente está tentando! E sempre querem o último lançamento. Mas, eles também entendem muito como é uma tradução demorada e como a gente precisa de um tempo, como tudo é um pouco mais difícil - eles são compreensivos nesse sentido.

<<<< Música tema ao fundo >>>>

Natasha B. Geenen: Bom, a conversa está ótima, mas eu quero saber: cadê o segundo volume d*O Assassinato do comendador*?

Paulo Werneck: Nesse momento que a gente está conversando, você está trabalhando na edição do segundo volume d*O Assassinato do comendador*. O primeiro volume saiu em 2018 e o segundo volume vai sair em 2020. O que a gente ouviu falar é que ele era um livro longo demais para sair em um...

Luara França: Sair em um volume.

Paulo Werneck: ... em um volume só. Então, a opção foi fatiar em dois.

Luara França: E é realmente fatiar com a espada, porque é você fica com muita vontade de saber o que acontece no final do primeiro volume.

Paulo Werneck: Quem decidiu onde vai parar?

Luara França: O Murakami. No japonês ele é dividido em dois volumes. No inglês eles fizeram... Acho que, tanto a edição americana, quanto a inglesa, eles fizeram em um volume só. No francês, em dois. No italiano, em dois. No espanhol, em um.

Paulo Werneck: Por que vocês resolveram fazer em dois?

<<<< Fim música tema ao fundo >>>>

Luara França: Porque a gente queria muito que ele fosse lançado com algum com pouco tempo do lançamento em japonês. A gente achou que a melhor forma era fazer o primeiro volume depois o segundo. E também é interessante manter como ele foi publicado em japonês.

Paulo Werneck: Então vocês querem que a experiência do leitor brasileiro seja...

Luara França: A mais próxima possível

Paulo Werneck: E *O Assassinato do Comendador* tem previsão de lançamento do segundo volume?

Luara França: O segundo volume está previsto para fevereiro de 2020, se tudo der certo.

<<<< Música tema ao fundo >>>>

Paulo Werneck: É isso aí, fãs de Haruki Murakami! 2020 já está aí, vamos esperar mais um pouquinho.

Natasha B. Geenen: É, Paulo, a gente não podia terminar este primeiro episódio de outra forma, senão, com mais uma super fã do Murakami.

Paulo Werneck: E uma das melhores partes em fazer este podcast foi descobrir quanta gente interessante gosta também das obsessões do Murakami. Não é, Zélia Duncan?

Zélia Duncan: Eu não sei o ano exatamente. Faz alguns bons anos que conheci Murakami. O primeiro livro dele que eu li me arrebatou completamente - se chama "*Dance, dance, dance*". Parece um filme. Muitas coisas acontecem. Você tem que

ficar muito atenta. Mas, os personagens são super interessantes e as tramas são incríveis. Eu indiquei esse livro pra um monte de gente, eu dei de presente pra um monte de gente... E aí pronto: virou uma paixão pra mim.

Natasha B. Geenen: E como todo leitor de Murakami, achar os elementos em comum nas obras é super divertido.

Zélia Duncan: Quando fala Murakami, eu quase sinto cheiro de comida japonesa - o personagem sempre vai para um lugar ou prepara alguma coisa. Eu, como louca por comida japonesa, comida oriental de modo geral, eu chego a ficar com água na boca lendo os livros, esperando esses personagens terem fome para eu poder ver como eles vão comer desta vez. Bom, na obra do Murakami, eu tenho um dos livros favoritos da minha vida, que é o *Kafka à Beira-Mar*. E esse livro tem todos esses elementos que vocês citam nesses bingos, nessa brincadeira do bingo, que eu não sabia que rolava.

O *Kafka à Beira-Mar* é um livro que me tocou profundamente, me fez mergulhar num lugar. É aquele livro que me dava saudade quando eu parava de ler. Quando eu terminei, eu sofri de abstinência. Eu sentia o cheiro do mar. Quando ele entrava na biblioteca, eu sentia cheiro de livro. E tem uma coisa do fantástico ali, né? Tem uma coisa fantástica ali. Eu acho que eu estou dentro desse livro até hoje, gente.

Paulo Werneck: Bom, entre as surpresas que o Murakami nos reserva durante a leitura dos livros dele, está também uma profusão de comidas diferentes, músicas novas e um monte de elementos culturais que fazem você começar a ter vontade de cultivar novos hábitos.

<<<< Fim música tema ao fundo >>>>

Zélia Duncan: O livro dele sobre corrida foi revolucionário para mim também. Primeiro, que eu não sabia que ele corria e eu sou uma maratonista também, resolvi virar uma maratonista. Eu viajei para fazer minha primeira maratona com o livro dele *Do que falo quando falo de corrida* na mão. Eu dei ele de presente pro Drauzio e para Michele, que estavam indo correr comigo. O livro foi muito importante pra mim. Foi uma viagem, foi uma delícia.

Eu me senti próxima dele... Mais ainda, de saber que ele corria. As coisas que ele diz no livro foram importantes, bacanas para mim. Ele fala muito de música; e eu,

naquela época, passei a ouvir coisas que ele ouvia na *playlist* dele para eu correr - a parte do rock, porque a parte de música clássica eu não gosto para correr. A parte do *rock 'n roll* e do jazz, que ele mistura tudo, entrou para minha *playlist*. Então, até isso esse cara fez comigo!

Natasha B. Geenen: E se você, ouvinte, ficou com medo de tanta maluquice, mas curioso com tantas possibilidades, Zélia Duncan te tranquiliza.

Zélia Duncan: Pra mim, Murakami não é mais estranho. As estranhezas que ele trouxe pro meu imaginário, eu absorvi logo. Murakami é como se fosse meu amigo. Eu acho a estranheza dele super minha amiga. Não tem mais isso pra mim não.

<<<< Música tema ao fundo >>>>

Paulo Werneck: Está vendo? E se você se identifica com a Zélia Duncan e também se atreve a achar uma espécie de novo amigo, esse podcast foi feito para você.

Natasha B. Geenen: Nesta primeira temporada, teremos mais sete episódios dedicados à literatura japonesa. O próximo vai ao ar daqui a duas semanas, na terça-feira, dia 26 de novembro, às 5 horas da tarde, horário de Brasília; e 5 da manhã, horário de Tóquio. Você quer anunciar o livro da vez, Paulo?

Paulo Werneck: Opa, que honra! O próximo livro é pra conquistar o coração dos apaixonados por mangá! A gente vai falar sobre o *Ayako*, um clássico do mangá, os quadrinhos japoneses, do mestre Osamu Tezuka.

Natasha B. Geenen: Exatamente, a gente já está no preparo deste episódio, com várias surpresas pra vocês!

Paulo Werneck: Pra dar só um spoiler: até o Maurício de Souza falou com a gente sobre mangás, Tezuka e até sobre a superação de um tabu para ele - comer peixe cru.

Natasha B. Geenen: Gente, mas ele é incontrolável! Para de entregar todo o ouro! O episódio que vem sai às vésperas do 6º encontro do Clube de Leitura da Japan House, aqui na Avenida Paulista, e vai ser justamente sobre o *Ayako*.

Paulo Werneck: Pra quem não sabe, a Japan House São Paulo fica na Avenida Paulista, número 52, pertinho do metrô Brigadeiro.

Natasha B. Geenen: Isso aí! A gente espera vocês!

O podcast da Japan House São Paulo é uma produção da Rádio Novelo. Nossa diretora é a Paula Scarpin. Nossa produtora é a Natália André. A música-tema é de autoria da Mari Romano e a responsável pela coordenação digital é a Kellen Moraes. A identidade visual é do Thiago Minoru.

Paulo, super obrigada pela conversa, e até daqui a duas semanas.

<<<< Fim música-tema >>>>